

Artista cênico-visual ancestral
(85) 9 8753 3421
phenriqueosiara@gmail.com
<https://www.behance.net/phenriqueo3e86>
@pretinho.da.silva

Pedro Silva é um negre-native que manifesta-se por meio das artes cênicas e visuais ancestrais seu fazer poético-artístico, estando ator, artista visual, dançarino, brincante, performer, poeta, arte-educador e artista-pesquisador. Nascido e residente da periferia de Fortaleza, Planalto Ayrton Senna, possuindo seus ancestrais advindos de Quixadá, Trairi, Pedra Branca e Jaguaribe. Atualmente trabalha como professor / estagiário da Rede Municipal de Educação de Fortaleza no Projeto Integração.

Como artista cênico e artista-educador-pesquisador dedica-se a investigar e realizar projetos voltados ao recorte racial e étnico, ancestralidade, espiritualidade, temporalidades, macumbaria, memória, fragmentação, mitopoética, ritualidade, visualidades negras, performividade negra, corpo negro nas manifestações tradicionais populares, escrevivência, educação afrorreferenciada e decolonial, executando estas pesquisas por meio da dança pessoal, performance, multipluralismo, construção cênica e teatral.

TEATRO

Estar diretor do espetáculo ALÉM MAR (2020) da Coletiva NEGRADA onde investiga na criação cênica o trauma colonial, fragmentação da memória e narrativas não hegemônicas. Já em 2018 pesquisou e realizou junto à XXVII turma de Lic. em Teatro do IFCE o espetáculo Arragaia que levanta discussão sobre as invasões territoriais, científicas e espirituais da branquitude sobre os povos originários (yanomami) e diaspóricos (iorubano). Em 2015 participando do Coletivo Perâmbulos reconstruiu junto ao Grupo Teruá o espetáculo Seca Flor que buscava narrar por meio dos elementos religiosos populares a condição da população agrária do interior Ceará e o seu processo de resistência.

PERFORMANCE

Em 2020 produziu o obra multilingual “Nutrir a seiva do corpo é rememorar o sangue derramado” em parceria com Ianka Oliveira e Viúva Negra, na qual, coloca em questionamento a arte negra como processo de religação espiritual, focando na criação de uma cena espiralar. Já em 2019 produziu junto a dançarina-performer Gizelle Oliveira a obra CORPO-BOMBA, investigando o funk favelada e o slam como produtores de estética negra.

Realiza desde 2017 performances sobre o recorte étnico-racial. Sendo elas: “Qualquer coisa pra não que chamar de negro” que discute o processo de reconhecimento racial a partir do censo de 1976 feito pela PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - IBGE em que o povo brasileiro autodeclara-se por 86 denominações, todas elas depreciativas ao corpo negro. E a performance “ Nas teias de Anansi: repensando o racismo internalizado” (2017) que busca levantar reflexões sobre as expressões, frases e piadas racistas que perpetuam de forma naturalizada em nosso discurso.

Friccionando a performance, intervenção urbana, cinema e teatro investiga desde de 2017 o Projeto intitulado Raiz Forte. Iniciando a pesquisa como Manifesto dos cabelos afros dentro da cidade de Fortaleza, ela desdobra-se na construção de uma Plataforma Negra que discute e forja as mitologias e memórias do âmbito familiar como referencial micro-macro dos afro-indígenas da região do Ceará, numa Residência debatendo e criando sobre estes corpos escuros, numa produção cinematográfica-documental e no espaço de criação cênica.

LITERATURA

Publicou o livro-zine Pés Pretos Cantam Sonhos (2019) pela Editora Aua (DF), parceria realizada com o Coletivo AUÁ (DF) no qual tece poesia friccionando a encantaria espiritual dos mitos afro-indígenas, afro-brasileiros e africanos com a escrevivência. Um compilado de cinco contos fantásticos que interliga os ritos divinos ao saberes experimentados pelo corpo.

OFICINAS

Já em 2019 facilitou a oficina Memórias afro-indígenas: o corpo voltado para o chão, no qual, a narrativa construía-se em por três caminhos: as memórias (colheita do algodão), o corpo (ponto de força – umbigada) e o chão (o nasce dos filhos, o morrer da carne debaixo da capoeira). Ministrou a Oficina Máscara-ritual: um processo de criação poética em 2017 no centro cultural Galpão da Cena em Itapipoca/CE. Este baseava-se em três pilares: máscara, corpo e improviso sendo costurada pela relação ritualística de cada processo. As máscaras serão construídas a partir de uma narrativa afro-indígena que levarão a uma construção poética corporal por meio de jogos improvisacionais.

ARTES VISUAIS

Em 2020 foi selecionado para a GRAVIDADE revista independente de Salvador (BA) com a obra MOVIMENTO DE CUIDADO. Participou do Salão dos Artistas Sem Casa, da Exposição TERRITÓRIO SOMOS NÓS (2019) com a instalação performática “Encantaria de Quintal” e o quadruplica fotográfica “Dança eu e quem mora em mim.” E na exposição NOMES com a obra “Memórias de Quintal”.

EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA

Participou como artista-pesquisador de algumas grupos de estudo, oficinas e residências: Grupo de estudos em Arte e Decolonialidade (CE), 2019; Estéticas macumbeiras na clínica da efemeridade (CE), 2019; Residência Artística, Corpo em Trabalho na Vila das Artes (CE), 2018; Oficina Introdução às (po)éticas corpóreas de Tatsumi Hijkata e Kazuo Ôno de curta duração pelo Núcleo Experimental de Butô ocorrida no IFCE (CE), 2018; Oficina Fluxos d'Água (Corpo-Água) de curta duração no Porto Iracema das Artes (CE), 2018; Oficina Corpo Multifacetado de curta duração na Escola Porto Iracema das Artes (CE), 2016; Oficina Treinamento do Ator de curta duração na Escola Porto Iracema das Artes (CE), 2015; Oficina Canto em Cena de curta duração no Centro Cultural Banco do Nordeste (CE), 2015; Oficina Introdução a Acrobacia de Solo de curta duração em Centro Cultural Banco do Nordeste (CE), 2015; Oficina O Ator Estrangeiro de curta duração no Centro Cultural

Banco do Nordeste (CE), 2014 e no SESC - Administração Regional do Ceará, SESC/CE, 2015.

FILME

Atuou nos filmes: Bala Perdida (fic, 7", cor, HD, 2017) dir. Ramó Cavalcante, Onde a noite não adormece (fic, cor, HD, 2018) dir. Rodrigo Ferreira e Paolla Martins, 2019; Vs. Ex. Srª Tristeza (fic, 16", cor, HD, 2016) dir. Clébson Oscar e Wilken Misael.

Graduando em Licenciatura em Teatro pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFCE. Esteve integrante do Coletivo Perâmbulos entre 2015 e 2017, no qual pesquisou palhaçaria, intervenção urbana, ritualidade e corpo performance, Grupo Teruá entre 2016 e 2017, em que desenvolveu pesquisa áreas de cultura popular, ator-brincante, ritualidade, palhaçaria dentro da periferia de Fortaleza, Pirambu, lugar onde se fomentava arte e cultura dentro da sede EITA - Espaço Interativo de Trabalhos Artísticos. Atualmente costura pesquisa junto ao Coletivo NEGRADA(2019) uma plataforma que investiga o corpo-território preto nas múltiplas linguagens artísticas. Retomando em suas (re)criações a memória do povo em deslocamento e diaspórico. Compõe o Grupo de Estudos de Africanidades Brasileiras, IFCE (2019) que interessa-se em discutir estética e epistemologia negra brasileira e diaspórica e faz parte do grupo de extensão Danças Africanas Ancestrais (2019 - 2020).